

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÔNICA APARECIDA DA SILVA

**Reflexões sobre a atuação de voluntários caracterizados como
palhaços em hospitais: a influência da educação física nesse
processo.**

Campinas
2013

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÔNICA APARECIDA DA SILVA

Reflexões sobre a atuação de voluntários caracterizados como palhaços em hospitais: as influências da educação física na questão desse processo.

Orientador: Prof^o Ms. Gerson de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharelado e Licenciado em Educação Física.

Monography presented to the Graduation Programme of the School of Physical Education of University of Campinas to obtain the Bachelor's degree and Academic degree in Physical Education.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA
DEFENDIDA PELA ALUNA MÔNICA
APARECIDA DA SILVA, E
ORIENTADO PELO PROF. MS.
GERSON DE OLIVEIRA

Assinatura do Orientador

Campinas, 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA “PROFESSOR ASDRÚBAL FERREIRA BATISTA”
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNICAMP

Si38r Silva, Mônica Aparecida da, 1989-
Reflexões sobre a atuação de voluntários caracterizados como palhaços em hospitais: a influência da educação física nesse processo / Mônica Aparecida da Silva. – Campinas, SP: [s.n], 2013.

Orientador: Gerson de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Hospital. 2. Educação física. 3. Palhaço. 4. Intervenção. I. Oliveira, Gerson de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Reflections about action of volunteers characterized as clowns in hospitals: the influence of physical education on this process

Palavras-chaves em inglês:

Hospital

Clow

Physical education

Intervention

Titulação: Bacharelado em Educação Física

Banca examinadora:

Gerson de Oliveira [orientador]

Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares

Data da defesa: 14-11-2013

COMISSAO EXAMINADORA

Profº Ms. Gerson de Oliveira
Orientador

Profª Drª Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares
Titular da banca

Profº Drº Paulo Ferreira de Araújo
Membro da banca

*Dedico este trabalho a meus
pais e meus irmãos, com muito
carinho.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família – destacando especialmente meu pai, minha mãe, Fernando, Gabriela e Gustavo. Nada do que eu alcancei seria possível de ser concretizado sem o apoio que vocês me deram. Espero ter oportunidades não só para agradecer, mas também para retribuir tudo o que vocês fizeram por mim. Eu amo muito vocês, muito obrigada por tudo!

Às minhas amigas Ana Cláudia, Dahiana, Ju M e Ju S que sempre se mantiveram ao meu lado nas minhas (muitas) crises desde o Ensino Médio. É impossível descrever como a amizade de vocês me ajudou durante estes últimos anos. Obrigada por continuarem ao meu lado, apesar de todas as nossas diferenças.

Ao Octeto Fantástico – Carol, Fátia, Taly, Gui, Igor A, Igor H e Marcelo. Vocês me deram os melhores anos de faculdade que eu poderia escolher. As festas, os jogos de futebol, os trabalhos em grupo e todas as outras oportunidades em que estive com vocês me motivaram a prosseguir com a minha formação e também a ser uma profissional melhor.

Agradeço à Ana, Kátia, Josiane e Juliana que me receberam muito bem no início da minha graduação e ensinaram tudo o que eu sei sobre convivência. Não poderia ter escolhido casa melhor para morar nesta fase. E agradeço à Jéssica que veio completar a J12A e é uma das pessoas que eu mais agradeço de ter conhecido na Unicamp. Pretendo reencontra-las logo e agradecer pessoalmente.

Agradeço à Ana, Laís e Luciana que, mesmo já me conhecendo, escolheram morar comigo. Vocês transformaram a J1 numa casa de terapia, me ajudando e me distraindo sempre que necessário. Desejo boa sorte para as que continuam e também para as que se formam. Obrigada por todas as noites de conversas e por todos os filmes de terror.

Agradeço também à FEF – Unicamp por todas as vivências proporcionadas durante a minha formação e principalmente por me aproximar das atividades circenses.

E por fim, mas não menos importante, agradeço ao Prof^o Ms.Gerson de Oliveira que me ajudou muito com sua orientação na realização deste trabalho e à Prof^a Dr^a Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares que tornou esse encontro possível.

A realização deste trabalho, e da minha formação inteira, só foi possível graças a todos os citados neste agradecimento. Muito obrigada por todas as contribuições.

SILVA, Mônica Aparecida. **Reflexões sobre a atuação de voluntários caracterizados como palhaços em hospitais: as influências da educação física na questão desse processo.** 2013. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

RESUMO

A assistência humanizada hospitalar ganhou um grande destaque nas últimas pesquisas relacionadas ao tratamento hospitalar. Realizar este tratamento levando em consideração os aspectos socioculturais dos pacientes tornou-se uma prática eficaz para o desenvolvimento da cura e da manutenção da saúde dos pacientes. A partir dessas mudanças que aconteceram no tratamento hospitalar, foram criados grupos de intervenções, que atuam com dinâmicas lúdicas e com a figura do palhaço para facilitar as interações entre os pacientes e seus acompanhantes ao cotidiano hospitalar. As intervenções realizadas por esses grupos foram comprovadas como benéficas para o tratamento através de inúmeras pesquisas, mas apesar do aumento das pesquisas sobre esse tema, poucas apresentam as influências que atingem os voluntários que realizam essas intervenções. Esta pesquisa foi realizada para ampliar esta discussão e tem como objetivo refletir sobre a relação da Educação Física e a figura do palhaço no ambiente hospitalar, através das influências no cotidiano do trabalho de voluntários caracterizados como palhaços atuantes em hospitais, verificando como é a participação e a adesão dos Profissionais de Educação Física nesta atuação e também como a caracterização dos voluntários como palhaço influencia as relações formadas dentro do hospital entre os pacientes, acompanhantes, funcionários e voluntários. Através da análise de conteúdo dos questionários aplicados nos voluntários da ONG Hospitalhaços, verificou-se que as influências positivas que auxiliam os pacientes e seus acompanhantes também são vistas nos voluntários que realizam a atuação. Obteve-se também, através dos questionários, que a utilização da figura do palhaço ajudou a intervenção realizada aproximando os voluntários aos pacientes, quebrando barreiras de isolamento dos pacientes e fortalecendo as relações dos pacientes/acompanhantes/funcionários do hospital. Verificou-se que a presença dos Profissionais de Educação Física nesta área de atuação ainda não está consolidada, apesar da formação acadêmica destes profissionais favorecerem esta atuação, mas que ela poderia ser incentivada para a melhoria das intervenções hospitalares.

Palavras-Chave: Hospital; Palhaço; Educação Física; Intervenção.

SILVA, Mônica Aparecida. **Reflections about action of volunteers characterized as clowns in hospitals: the influence of physical education on this process.** 2013. 44 f. Monography (Graduate in Physical Education) – School of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2013.

ABSTRACT

The hospital's humanized assistance received a great attention in the recent research related to hospital treatment. Perform this treatment taking into account the socio-cultural aspects of patients has become an effective approach for the development of healing and health maintenance of patients. From these changes that have happened in hospital treatment, groups were established interventions, working with ludic dynamic and with the figure of the clown to facilitate interactions between patients and their caregivers to hospital routine. Interventions from these groups have been proven to be beneficial for treatment through extensive research, but despite increased research on this topic, few have the influences that affect volunteers who perform these interventions. This research was conducted to extend this discussion and aims to reflect on the relationship of physical education and the character of the clown in the hospital , through the influences in the daily work of volunteers characterized as clowns working in hospitals , checking how participation and adherence of Physical Education Professionals in this role, and checking too as the characterization of the volunteers as clown influence the relationships formed within the hospital among patients, caregivers, staff and volunteers. Through content analysis of questionnaires applied in Hospitalhaços NGO's volunteers, it was found that the positive influences that help patients and their caregivers are also seen in volunteers who perform the work. Was also obtained through questionnaires the use of the figure of the clown helped the intervention performed, making volunteers and patients closer, breaking barriers of isolation of patients and strengthening relationships between patients/caregivers/hospital staff. It was found that the presence of the Physical Education Professionals in this area of activity is not yet consolidated, despite the academic training of these professionals favor this action, but it should be encouraged for the improvement of hospital interventions.

Keywords: Hospital ; Clown ; Physical Education ; Intervention

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados pessoais dos sujeitos da pesquisa	28
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EF	Educação Física
HC	Hospital de Clínicas
ONG	Organização Não Governamental
PEF	Profissional de Educação Física
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
OBJETIVOS.....	15
Objetivo Geral.....	15
Objetivos Específicos	15
REVISÃO DA LITERATURA.....	16
Assistência Hospitalar Humanizada	16
O palhaço	19
Hospitalhaços.....	20
A Educação Física e as Intervenções Hospitalares	21
SUJEITOS E MÉTODOS.....	24
RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE A – Questionário.....	42
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	44

INTRODUÇÃO

As intervenções terapêuticas das enfermidades realizadas nos hospitais sofreram muitas mudanças buscando a melhoria e a eficiência para tratamento de diversas doenças que podem afetar o humano. Os avanços científicos apresentaram várias melhorias para os tratamentos médicos, mas ainda é necessário que o paciente passe um tempo afastado da sua rotina diária dentro dos hospitais para o desenvolvimento eficaz da cura de algumas enfermidades. O tempo de internação dos pacientes pode variar, mas mesmo em curtos períodos de isolamento é possível enxergar alterações significativas para o paciente e seus acompanhantes (CASARA et al., 2007).

A internação e os procedimentos oferecidos pelo hospital irão limitar o contato dos pacientes, interferindo na vida cotidiana destes. Para a eficiência do tratamento, é exigido que ele fique com acesso restrito das pessoas, da escola, do trabalho e de qualquer outra situação de sociabilidade que realizava e além de tudo isso ele fica em um lugar estranho com pessoas que inicialmente são desconhecidas. Assim, o isolamento e as mudanças na rotina dos pacientes e familiares vão modificar alguns aspectos socioculturais destes, podendo afetar as relações interpessoais dos pacientes de maneira negativa, tornando assim a internação uma experiência traumatizante para eles (SIKILERO et al., 1997).

Apesar das melhorias que a internação pode trazer para o tratamento das enfermidades, muitos estudos apontam que esse isolamento pode refletir de forma negativa para o desenvolvimento do tratamento. Por isso, mais recentemente, os hospitais começaram a se preocupar com o caráter social dos pacientes e dos acompanhantes que precisavam passar por esse processo da internação. Assim, foi-se estabelecendo que a cura não devesse mais ser focalizada apenas no sistema orgânico e ignorar outros importantes sistemas do paciente, mas devia abranger também outros sistemas como a sociabilidade e o aspecto psicológico (CECCIM, 1997).

Como todos os aspectos que envolvem um ser humano são complexos, a cura de uma enfermidade também envolve fatores de caráter terapêuticos, psicológicos e sociais. Por isso, a equipe multidisciplinar da saúde deve reunir os conhecimentos das diversas áreas para proporcionar um tratamento eficaz e saudável ao paciente e aos familiares que o acompanham.

Com as mudanças de percepção sobre como o tratamento deveria ser conduzido surgiram direcionamentos sobre a organização de intervenções que foram apresentadas aos hospitais para humanizar as ações hospitalares, a fim de contemplar o ser humano como um todo no momento do tratamento. No Brasil, no ano 2000, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2001) começou a incentivar a humanização da assistência hospitalar através da divulgação do material oficial e, a partir deste incentivo, muitos hospitais começaram a oferecer para os pacientes grupos de interação que buscam quebrar a rotina hospitalar dos pacientes, proporcionando momentos de descontração e alívio nos ambientes hospitalares.

Muitas intervenções são realizadas, mas neste estudo utilizaremos as intervenções lúdicas com a utilização da figura do palhaço. A utilização das atividades lúdicas na intervenção hospitalar deve-se principalmente pela interação que elas proporcionam. Brito et al. (2009), destacam em seu trabalho que “a presença do lúdico funciona como elo (...) caracterizando-se como uma atividade-meio, ou seja, um recurso que tem como finalidade facilitar ou conduzir aos objetivos estabelecidos”.

A figura do palhaço contribui facilitando a criação desses elos. Esta figura apresenta um ser que é livre de julgamentos morais, atuando entre o sonho e a realidade, entre o permitido e o não permitido e também atua expondo o que continuamente a sociedade tenta esconder, revelando os medos, as aflições e principalmente os erros que são cometidos. O seu papel é o de apresentar as características que geralmente buscamos esconder, evitando o julgamento de certo ou errado sobre as situações. Para apresentar atitudes que são repulsivas, o palhaço utiliza o alívio cômico para se comunicar com seus ouvintes e essa mistura de erros com riso torna a este personagem extremamente carismática e também extremamente acessível a sua plateia (BOLOGNESI, 2001).

Matraca et al. (2009), mencionam estudos realizados sobre o brincar e demonstram que a construção dos fatores e das interações que constroem o riso constroem também vínculos, quebrando barreiras que muitas vezes afastavam o paciente dos profissionais da saúde e também trabalha a capacidade de reflexão dos voluntários.

A partir dessas intervenções, os grupos de voluntários conseguem desenvolver atividades que facilitam a comunicação entre as pessoas envolvidas no

ambiente hospitalar e proporcionar uma aproximação dos pacientes com o momento vivido por ele. Essa aproximação torna o paciente um indivíduo que participa ativamente do processo de cura e do restabelecimento da sua rotina diária. Estudos realizados demonstram que os resultados obtidos a partir desta intervenção são positivos para os pacientes e seus acompanhantes, destacando que estes se tornam mais alegres, determinados, e participam mais dos processos do tratamento (BRITO et al, 2009; MATRACA et al, 2009; CASARA et al. 2007).

Poucos trabalhos foram realizados buscando entender a visão e as implicações que interferem no voluntário que busca desenvolver um trabalho humanitário nos hospitais. (PINTO, 2009). Na literatura científica foram identificados vários trabalhos sobre a assistência hospitalar humanizada e suas implicações para o paciente e seus familiares, mas existe uma lacuna de informações sobre as influências da atuação na vida do voluntário caracterizado como palhaço no ambiente hospitalar.

Outra lacuna que encontramos na literatura é relacionada ao Profissional de Educação Física (PEF). Este trabalho foi realizado, buscando entender como a atuação como palhaço pode influenciar este profissional e quais contribuições a Educação Física pode apresentar para este processo. Por isso, esta pesquisa irá contribuir para continuar e ampliar a discussão sobre os reflexos pessoais que a atuação como voluntário nos hospitais proporciona. Durante o desenvolvimento da pesquisa buscou-se entender se o trabalho dos voluntários é beneficiado com a utilização da figura do palhaço e qual é a visão que um PEF possui sobre a atuação como palhaço de hospital.

Deste modo, a realização deste estudo torna-se relevante por três fatores centrais: 1) pela necessidade de se obter informações sobre as influências da atuação e como esse contato com pacientes e acompanhantes reflete no voluntário; 2) por ampliar a discussão sobre o processo de capacitação do voluntariado, especificamente, como o Profissional de Educação Física pode atuar como palhaço em hospitais, possibilitando novas informações e beneficiando a elaboração de abordagens mais adequadas e consistentes; 3) desenvolver reflexões sobre como a Educação Física (EF) interfere na atuação do palhaço em hospitais, podendo contribuir na ampliação do acervo dos estudos voltados para essa área no Brasil.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Refletir sobre a relação da Educação Física e a figura do palhaço no ambiente hospitalar, através das influências no cotidiano do trabalho de voluntários caracterizados como palhaços atuantes em hospitais.

Objetivos Específicos

1. Refletir sobre a participação e a adesão do profissional de Educação Física atuando como palhaço em hospitais e refletir sobre como a Educação Física influencia na atuação como palhaço em hospitais;
2. Verificar, sob o ponto de vista do voluntário, se a caracterização como palhaço em hospitais influencia a relação entre os voluntários e os pacientes, os voluntários e os profissionais da saúde e os voluntários e os acompanhantes dos pacientes.

REVISÃO DA LITERATURA

Assistência Hospitalar Humanizada

O ambiente hospitalar pode gerar situações traumatizantes para os pacientes. As internações geralmente não são opção dos pacientes, mas são necessárias para manter sua integridade física e para garantir a eficiência do tratamento. Para que a doença seja curada ou para que o desenvolvimento de certas enfermidades seja reparado é preciso que estes pacientes cedam uma grande quantia da sua rotina para o tratamento, transferindo sua vida para o hospital, e por isso, eles abrem mão da sua rotina diária e ficam reclusos por períodos que podem variar de dias a anos (BACKES et al., 2006; WUO, 1999).

A hospitalização é uma situação que precisa ser encarada com muita seriedade, pois pode modificar totalmente hábitos de vida, fazendo com que o paciente passe por desconforto físico e mental da doença afastando-se, temporariamente, de seu meio social, além de precisar adaptar-se ao contexto hospitalar que lhe é estranho e culturalmente sofrido. (CECCIM, 1997).

Inicialmente, os hospitais apresentavam um modelo de organização que colocavam a doença como o foco principal de suas ações, e muitas vezes alteravam de forma muito invasiva a rotina dos seus enfermos por não considerar outros aspectos que constituem o ser humano. Essas ações reduziam a autonomia do paciente, causando problemas que dificultavam os processos de tratamentos que era desenvolvido.

Devido à internação, novas redes de sociabilidade irão ser formadas, apresentando para o novo paciente, pessoas e regras novas, diferentes das situações que ele estava associado, e um paciente sem orientação pode se tornar isolado, prejudicando a sua recuperação. A utilização de voluntários que buscam criar um laço entre o paciente e o seu novo ambiente de convívio deve ser bem guiada, para que esses novos elos auxiliem no desenvolvimento das relações pessoais nos hospitais. Deve existir nos hospitais uma relação próxima entre o paciente e os funcionários, a fim de evitar os isolamentos, e uma das formas para criar essa afinidade é através das dinâmicas lúdicas.

Os voluntários que realizam estas dinâmicas devem entender a importância do brincar, porque será a partir disto que a relação paciente-funcionário irá ser construída. Desenvolver essa relação é importante porque integra o paciente no processo terapêutico, tornando o indivíduo mais ativo, eliminando a ideia de passividade da pessoa que vai até o hospital para receber algo, mas sim que ele está lá para desenvolver o tratamento junto com a equipe. (BERSCH E YUNES, 2008).

Analisando os resultados apresentados em pesquisas já realizadas, percebe-se que a humanização dessa assistência favorece o paciente (LIMA E AZEVEDO, 2009), e sabendo que os fatores psicológicos causados pela internação podem afetar no tratamento, a assistência hospitalar ganha uma importância crucial para a realização de um tratamento completo, que inclua a necessidade de adaptação do paciente.

A partir de ideias que buscavam a melhora da humanização hospitalar, surgiram projetos com o objetivo de ampliar a assistência hospitalar além da doença, considerando o paciente de uma forma mais completa, considerando além do biológico, questões como o social e o psicológico, e assim surgiram opções de ações realizadas no hospital visando à melhoria nas relações interpessoais das pessoas que utilizam o hospital (SOARES, 2007). Dentre essas opções foi possível identificar a criação de brinquedotecas e a participação da figura do palhaço do hospital.

A disponibilização de brinquedos e brincadeiras durante o processo de internação começou a se mostrar como uma válvula de escape dos pacientes e acompanhantes, e eles começaram a utilizar dessas ferramentas como alívios da rotina estressante do hospital. Nesses momentos de brincadeira, os pacientes e acompanhantes se mostravam menos separados dos funcionários, mais atingíveis emocionalmente pelas atividades realizadas (WUO, 1999).

Estudos realizados sobre o brincar demonstram que as construções dos fatores e das interações que conduzem ao riso levam também vínculos, quebrando barreiras que muitas vezes afastavam o paciente do ambiente hospitalar, e também trabalha a capacidade de reflexão dos participantes. Na situação que os pacientes se encontram, o brincar é uma mediação entre o mundo familiar e social. (CASARA et al., 2007). Outra interação construída a partir do brincar é a do diálogo, que é essencial para os relacionamentos humanos utilizados tanto para a reflexão, como para compartilhar significados. A partir do riso e do diálogo, as relações entre

pacientes/acompanhantes/funcionário se tornam mais próxima demonstrando que a participação ativa de todos é necessária tanto para o tratamento como para a manutenção da saúde das pessoas (MATRACA et al., 2011).

O brincar é universal, por isso facilita a interação do paciente com o profissional, facilitando também a adesão dele ao tratamento, se comunicando numa linguagem que não é distante. A brincadeira num ambiente hierarquizado se apresenta como uma escolha do paciente. Ele tem autonomia neste momento da sua internação podendo participar ou não e também escolhendo como participar, tendo respeitada neste momento a sua livre expressão. Essas atividades também vão desenvolver o equilíbrio psicossomático, visto que o corpo e a mente estão sempre interligados, o estímulo de um é também o do outro.

A mudança de foco do paciente é um fator que favorece as intervenções que promovem o bem-estar, lazer e recreação para o paciente, que reduzirá sua atenção ao processo de internação e tratamento das enfermidades e aumentará o enfoque em atividades que proporcionam o prazer de viver (MARTINS, 2009).

Pode-se observar também que através dessas brincadeiras eles demonstravam o entendimento da sua situação hospitalar, e aceitavam que, apesar das dificuldades da reclusão, a internação era um processo vital para eles.

Quando os pacientes são crianças, as modificações da rotina causadas pela internação podem ser mais traumáticas. Elas podem não entender sua doença ou a necessidade de ficarem isoladas num quarto de hospital. Tendo em mente essas características do ambiente hospitalar, os voluntários que trabalham com essa intervenção devem estar preparados emocionalmente para os desafios que vão encontrar nos corredores (BERSCH e YUNES, 2008).

A aplicação das intervenções que buscam humanizar o atendimento nos hospitais não podem ser momentos não supervisionados, mas sim direcionados para que eles se tornem auxiliares no tratamento desenvolvido. Para realizar esse direcionamento, surgiram projetos organizados geralmente por funcionários dos hospitais.

No Brasil esses projetos tiveram como base principal as atuações realizadas nos EUA na década de 60, com a participação marcante do médico americano Hunter

Adams, e após a inclusão da figura do palhaço no ano de 1986, depois de uma apresentação do circo americano “Big Apple Circus” em um hospital (CASTRO, 2005).

Os projetos de intervenção para humanizar a assistência hospitalar começaram a ser reproduzidos em vários países, e no Brasil teve o incentivo do Ministério da Saúde, através do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. (MS, 2001).

Ao apresentar a figura do palhaço para interagir com os enfermos, muitos dos preconceitos e das restrições impostas pela internação desaparecem e criam um momento de comunicação livre. Com essa oportunidade, muitas situações que incomodam podem ser reveladas e ao serem trabalhadas proporcionam um alívio, reduzindo assim a carga emocional que o paciente carrega durante todo o tratamento (BACKES et al., 2006).

O palhaço

As manifestações circenses se modificaram com o tempo e atualmente não mais se limitam ao picadeiro. Existe a presença da figura do palhaço em diversos ambientes e dentro de um ambiente inusitado: o hospital (CASTRO, 2005; SABATINO, 2005)

O palhaço como conhecemos na nossa sociedade, é uma junção de outros personagens, que se apresentaram durante a história da humanidade. Quase todas as civilizações possuíam uma figura cômica, que utilizava adereços, maquiagens e história para entreter o público e ao mesmo tempo fazer uma crítica aos modos de vida e comportamentos dos que o ouviam. Apesar das muitas modificações e das diferenças entre essas personagens, o palhaço carrega nas suas apresentações muitas características que as figuras descritas apresentavam nas sociedades do Egito Antigo, da Grécia, dos feudos europeus, entre outras (SABATINO, 2005).

Introduzido nos circos, que até então tinha uma característica muito elitista, o palhaço dividia a atenção da plateia com os números equestres apresentados, servindo como uma união entre os atos realizados, ocupando o tempo que os artistas necessitavam entre os números. Fora a característica humorística, o palhaço atuava, e atua até os dias de hoje, como um alívio, uma atração descontraída que se apresentava

entre números difíceis e perigosos (BOLOGNESI, 2001). Com as modificações dos números e a substituição de números com animais para apresentações exclusivamente corporais, a participação do palhaço se mantém entre as atrações do circo, sendo que hoje é impossível imaginar uma apresentação circense sem a presença desta figura cômica.

Apesar da descontração promovida pela ação do palhaço, este sempre apresentou temas que não são especificamente cômicos. O palhaço é um interlocutor das características que a maioria de nós tenta ocultar, e ele evidencia essas características, criando assim uma situação cômica. A intervenção que ele realiza é considerada por muitos como uma terapia. A partir da exposição de algo ruim e da intervenção do palhaço, aquilo que incomoda passa a ser engraçado e possibilita ter um novo ponto de vista da situação que incomodava.

Mas, para criar uma situação de humor não é necessário apenas que a pessoa que irá se caracterizar de palhaço seja engraçada. O palhaço precisa entender o meio em que ele atuará. O que pode ser engraçado para algumas pessoas, para outras pode ser ofensivo (MARANGONI, 2003). Por isso, além da caracterização física, dos adereços e maquiagens, o palhaço deve conhecer o seu público. Ele deve estudar sua plateia para identificar quais são suas características e como eles se relacionam. Assim ele conseguirá afetá-los de uma maneira produtiva, produzindo o riso, a descontração e a felicidade (FISHER e FISHER, 1981).

Com todas essas características apresentadas sobre o palhaço, começamos a entender porque a atuação como um palhaço de hospital causa tantas modificações positivas.

Hospitalhaços

No Brasil, no ano de 1999, Walkiria Camelo organizou um grupo, que a partir de 2001 seria transformado em uma Organização Não Governamental (ONG) “Hospitalhaços” no HC da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com o objetivo de tornar o ambiente hospitalar mais confortável e o buscar uma aproximação entre o paciente e seus familiares da equipe hospitalar. Esse grupo foi organizado numa parceria entre a Enfermaria e UTI Pediátrica deste hospital. Utilizando atividades

lúdicas e a figura do palhaço para facilitar a aproximação, eles procuram oferecer uma quebra na rotina hospital que pode ser exaustiva tanto da parte dos pacientes como da parte dos funcionários e proporcionar uma interação entre essas partes buscando a humanização da assistência hospitalar. A atuação e a formação desses voluntários acontecem baseando-se em pesquisas científicas que demonstram como o humor é um fator que auxilia nos traumas causados pela hospitalização (HOSPITALHAÇOS, 2013).

A ONG passou a atender outras áreas do hospital e com associações realizadas com a Unicamp conseguiu expandir o projeto para outros hospitais de Campinas. Em 2001 foi criada uma estruturação para a seleção de novos participantes, pois era necessário aumentar e capacitar outros, até então os participantes eram todos funcionários do HC. A partir dessa estruturação, os voluntários passaram a ter um acompanhamento psicológico e também ganharam um treinamento artístico realizado em parceria com o Instituto de Artes. Em 2004 a participação voluntária na ONG passa a ser também uma matéria eletiva na Unicamp, sendo supervisionada por professores do Instituto de Matemática Estáticas e Ciências da Computação (IMECC) e do Instituto de Artes (CAMELO, 2003).

Além da participação nos hospitais, visitando as áreas de internação e as salas de espera, os Hospitalhaços são responsáveis por outras formas de atividades culturais. Nos hospitais que eles estão associados, a organização das atividades e da própria brinquedoteca são realizadas por ele. Também ocorre a participação em datas festivas e campanhas de saúde realizadas pelos hospitais que recebem os Hospitalhaços.

Atualmente os Hospitalhaços atendem 13 hospitais, administram 4 brinquedotecas e possuem uma equipe com cerca de 550 voluntários. Esses hospitais são da região de Campinas e no ano de 2012 começaram as preparações para formar um grupo atuante em Recife – PE. As atividades realizadas e reportagens relacionadas ao grupo podem ser acompanhadas pelo blog da ONG, disponível no site <http://hospitalhacos.blogspot.com.br/>.

A Educação Física e as Intervenções Hospitalares

A partir das intervenções hospitalares, os PEF conseguem também conscientizar os pacientes sobre os seus corpos e promover atividades que evidenciem

os potenciais desses indivíduos. Estas intervenções não têm como objetivo substituir o tratamento médico, mas sim amenizar os problemas encontrados tornando o período menos agressivo e desconfortável para os enfermos (MARTINS, 2009).

A EF pode encontrar nestas intervenções um campo de atuação amplo e que necessita do ponto de vista do PEF. Durante a sua formação, este profissional compreende que o brincar é parte importante do processo de adaptação do ser humano como diz Bersch e Yunes (2008):

A EF busca, por meio do estudo e conhecimento dos movimentos corporais, orientar as relações entre os seres humanos e deles com o meio ambiente, com o objetivo de contribuir para uma melhor qualidade de vida da população, inclusive da grande margem de excluídos, como os deficientes físicos, obesos, pobres, hospitalizados e tantos outros.

Outros fatores que corrobora a participação do PEF nesta atuação são as características necessárias para desenvolver esta intervenção. Para desenvolver o trabalho, os voluntários devem possuir características descritas como ter autonomia para lidar com as situações encontradas nos hospitais, ter conhecimento do ambiente hospitalar como um todo, ser bom ouvinte, ter sensibilidade, ser criativo, ser adaptável, saber trabalhar em grupo, e saber separar as questões pessoais das profissionais. Disciplinas no curso de formação do PEF como as que trabalham a expressão corporal, a organização de jogos e brincadeiras e o aprendizados através destes, e os fatores psicológicos envolvidos nas apropriações do movimento humano auxiliam no desenvolvimento das características necessárias para a atuação (MARTINS, 2009).

Soares e Isayama (2001) afirmar que “o gesto lúdico, o brincar, a brincadeira são dimensões da construção da linguagem humana e permitem a expressão, representação, significação e (re)significação do movimento”. E o PEF, durante seu curso de formação, adquire os requisitos mínimos para entender como funciona a construção dessa linguagem e as atividades necessárias para otimizar as formas de expressão corporal dos seres humanos.

Assim, o PEF

“é suficientemente capaz de intervir e transformar essa realidade, estimulando as vivências lúdicas, que indiretamente podem ser consideradas terapêuticas. E ainda, sendo ele - o lazer - capaz de promover

mudanças na realidade de um hospital através de sua intervenção estimulando a socialização entre os pacientes e os indivíduos que os cercam, a inclusão social, e ainda contribuindo para a melhora da qualidade de vida dos pacientes e conseqüentemente para a melhora no quadro clínico do mesmo” (TRINDADE, 2006).

SUJEITOS E MÉTODOS

O propósito principal desta pesquisa foi avaliar uma prática, a intervenção hospitalar realizada pelos voluntários da ONG Hospitalhaços, buscando esclarecer os objetivos propostos. Assim, o presente estudo caracteriza-se como sendo uma pesquisa qualitativa classificada como um estudo de caso avaliativo.

A pesquisa qualitativa como descrita por Bogdan & Biklen (1994, apud Martins, Campos, 2003) é definida como “aquela que envolve a obtenção de dados descritivos, colhidos no contato direto do investigador com a situação estudada”.

“O pesquisador qualitativo estuda a realidade em seu contexto natural, tal como se sucede, procurando dar sentido ou interpretando os fenômenos de acordo com os significados que as pessoas implicadas nesse contexto possuem”. (BOGDAN E BIKLEN, 1994)

Na pesquisa qualitativa, a metodologia centra-se no processo da realização do trabalho, e enfatiza a perspectiva dos participantes, trabalhando com os dados descritos e observados (MARTINS, CAMPOS, 2003). Assim, os dados obtidos foram analisados durante e após a coleta. Esta abordagem é viável para resolver problemas no campo da EF, pois enfatiza a importância do acesso aos dados no ambiente de campo e estabelece que o entendimento e ganho da confiança dos sujeitos são essenciais. (THOMAS & NELSON, 2002).

Para Triviños et al. (2004), no âmbito educativo, o estudo de caso qualitativo pode ser definido como um processo que tenta descrever e analisar uma prática em termos complexos e compreensivos, que se desenvolve durante um período de tempo. O estudo de caso também pode ser definido como a análise de um exemplo em ação.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética, Faculdade de Ciências Médicas/ Unicamp, sob nº 18249213.9.0000.5404.

Para caracterizar as ações realizadas na metodologia deste trabalho foi realizada uma revisão de literatura sobre temas envolvidos na pesquisa para ajudar no momento de analisar as respostas encontradas nos questionários.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...] Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] A pesquisa bibliográfica não é mera repetição de que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (LAKATOS, 2007).

Após a realização da revisão literária e a aprovação pelo Comitê de Ética, o coordenador da ONG foi contatado para autorização da aplicação dos questionários. O grupo utilizado para a realização desta pesquisa foi composto apenas por voluntários da ONG “Hospitalhaços”, grupo que já foi descrito nas referências iniciais deste trabalho.

Os critérios utilizados para a inclusão e exclusão dos participantes foram os seguintes:

- Critérios de Inclusão: qualquer estado civil, com qualquer condição econômica, pertencente a qualquer etnia e pertencente à ONG Hospitalhaços.
- Critérios de exclusão: Será excluído da amostra qualquer participante que desejar cancelar a sua participação em qualquer momento da pesquisa, questionários não preenchidos completamente e pessoas analfabetas.

A abordagem para a aplicação dos questionários aconteceu na entrada dos funcionários do HC da Unicamp e um dos questionários foi enviado por e-mail para um profissional de EF porque esta pessoa do grupo do HC estava doente.

Durante a realização desta pesquisa foram aplicados 16 questionários nos voluntários da ONG Hospitalhaços. Dos 16 indivíduos que participaram da pesquisa, conseguimos contatar apenas um profissional de EF para participar da pesquisa.

Para a participação na pesquisa todos os voluntários leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e após a assinatura deste termo o questionário (Apêndice A) foi entregue aos voluntários da ONG “Hospitalhaços” que desejavam participar. Como já informado, o número de participantes entrevistado foi 16 pessoas, porém um questionário não foi preenchido corretamente e foi descartado durante a análise dos resultados, sendo considerados para a apresentação dos dados deste trabalho 15 questionários.

O questionário aplicado é composto por 22 questões, sendo 8 questões sobre dados gerais do participante da pesquisa e 14 questões específicas sobre a pesquisa. O

participante da pesquisa respondeu por escrito ao questionário que foi apresentado, sob a supervisão do pesquisador responsável e pela aluna que participou desta pesquisa. As questões foram redigidas de uma forma que possibilitasse que o sujeito entrevistado descrevesse livremente sobre os temas abordados, evitando que o texto da questão induzisse a uma resposta, apenas servindo como um guia para o desenvolvimento da pesquisa. Dentre essas 14 questões específicas, 2 eram direcionadas apenas ao PEF.

Após a aplicação dos questionários, as respostas foram analisadas através do método de análise do conteúdo, que Bardin (2009) descreve como o conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Após a realização desta análise, os resultados foram organizados e estão apresentados no capítulo seguinte nesta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se pela abordagem dos resultados juntamente com a discussão para facilitar o entendimento do leitor e pra iniciar a apresentação da análise dos dados presentes no questionário, os 15 voluntários da pesquisa serão caracterizados inicialmente.

Dos 15 sujeitos, 11 eram mulheres e 4 eram homens. A idade média dos participantes foi de 37,5 anos, sendo que o indivíduo mais velho tinha 67 anos e o mais novo 22 anos na época da pesquisa. Todos os voluntários atuavam no mínimo há 6 meses no projeto da ONG e os voluntários que atuava a mais tempo possuía 12 anos de atuação.

Sobre a formação acadêmica, 1 voluntário cursou até o Ensino Médio, tendo feito curso técnico em mecânica, 12 cursaram Ensino Superior nos cursos de Engenharia Química, Engenharia de Alimentos, Administração, Análise de Sistemas, Ciências Contábeis, Publicidade e Propaganda e (2) Ciências Biológicas. Todos os voluntários da pesquisa estavam empregados.

Para facilitar a leitura dos resultados obtidos através dos questionários, a tabela abaixo com as informações dos sujeitos servirá como guia.

Tabela 1. Dados pessoais dos sujeitos da pesquisa

Sujeito	Idade	Estado Civil	Sexo	Escolaridade	Área de Atuação	Tempo de Atuação na ONG
1	27	Solteiro	Feminino	Pós-Graduado	Exatas	1 ano
2	22	Solteiro	Feminino	3º Grau Completo	Humanas	6 meses
3	30	Solteiro	Feminino	3º Grau Completo	Exatas	6 meses
4	39	Casado	Masculino	3º Grau Completo	Exatas	6 meses
5	50	Divorciado	Masculino	2º Grau Completo	Exatas	6 meses
6	26	Solteiro	Feminino	3º Grau Completo	Exatas	3 anos e meio
7	26	Solteiro	Feminino	3º Grau Incompleto	Exatas	7 anos e meio
8	64	Viúvo	Feminino	Pós-Graduado	Humanas	2 anos e meio
9	43	Casado	Feminino	3º Grau Completo	Biológicas	6 meses
10	60	Solteiro	Feminino	Pós-Graduado	Humanas	2 anos e meio
11	67	Casado	Masculino	3º Grau Completo	Exatas	12 anos
12	24	Solteiro	Feminino	3º Grau Completo	Biológicas	1 ano e meio
13	36	Solteiro	Feminino	Pós-Graduado	Exatas	6 meses
14	26	Solteiro	Masculino	3º Grau Incompleto	Biológicas	5 anos
15	27	Solteiro	Feminino	3º Grau Completo	Biológicas	2 anos

As informações obtidas através da aplicação do questionário serão apresentadas por questão para facilitar a discussão dos dados.

Questão 1: A atuação como palhaço contribui de alguma forma para a sua vida? Se sim, quais são as contribuições?

Ao responder se a atuação contribuía para a vida pessoal, todos os voluntários disseram que sim. As contribuições percebidas por eles foram: auxílio para perceber a realidade, melhorias nas formas de comunicação, simplificação da vida pessoal, favorecimento da saúde mental, aumento do amor ao próximo, felicidade em proporcionar distração para outros, a interação proporciona alegria e bons sentimentos, resgate da humanidade, alegria em contribuir de alguma maneira para melhorar uma situação complicada. O sujeito 10 diz que ao “humanizar o cotidiano do hospital creio eu que resgato a minha humanidade e isso faz diferença na minha vida fora do hospital”

As respostas apresentadas nesta questão demonstram que o trabalho como voluntário nos hospitais é gratificante para os sujeitos estudados na pesquisa, e percebemos que apenas características positivas foram indicadas para descrever as contribuições da atuação na vida do voluntário. Isto indica que esta intervenção é benéfica não só para os pacientes e seus acompanhantes, mas também para os voluntários que a realizam.

Esse fator positivo descrito pelos sujeitos pode ser considerado como um incentivo para a realização deste trabalho, facilitando o prosseguimento das atividades. Mesmo levando em conta as condições de reclusão impostas pela internação e a situação dos enfermos presentes durante a atuação, os voluntários encontram resultados que melhoram a sua vida pessoal.

Questão 2: Como você se sente no ambiente hospitalar atuando como palhaço?

Nesta questão as respostas apresentaram uma variedade maior de sentimentos. Alguns voluntários disseram que se sentiam desconfortáveis no começo mas que com a atuação ficaram felizes e satisfeitos. Um voluntário disse que se sentia

necessário àquele ambiente. A maioria disse que se sentia confortável e útil, sentiam que estavam ajudando naquela situação e outro relatou que se sentiam desconfortável com a presença da equipe hospitalar, mas que sentia a receptividade dos pacientes e acompanhantes.

Considerando as respostas desta questão percebe-se que os voluntários entendem a importância da atuação e por isso relevam situações complicadas apresentadas nos hospitais, prosseguindo com a atuação. Entender a utilidade do trabalho realizado com os pacientes facilita na motivação dos voluntários. E para entender esta utilidade, esses voluntários devem estar bem capacitados para realizar esta intervenção. Nesta capacitação, a presença de um PEF que esclareça como as práticas lúdicas influenciam os pacientes pode beneficiar os voluntários.

A aceitação da equipe hospitalar e o desconforto causado pela equipe hospitalar, citados por alguns sujeitos, podem ser decorrentes da pouca comunicação que existem entre o grupo dos palhaços e esta equipe. Projetos que integrem esses grupos podem favorecer os benefícios da atuação.

Questão 3: Como é para você atuar como palhaço em um hospital?

Todos os sujeitos apresentaram respostas indicando um sentimento positivo em relação à atuação nesta questão. Características como satisfação, realização, gratificação estiveram presentes em todas as respostas. Um sujeito descreveu a atuação como um “desafio recompensador” que resgata a ludicidade dos participantes (sujeito 15).

A figura do palhaço é a característica central desta atuação. A utilização desta figura para a humanização da atuação hospitalar se justifica principalmente pela presença da alegria e da ludicidade. Por isso, o aparecimento da positividade nas respostas destes voluntários é essencial para não descaracterizar esta atuação. Se o voluntário perde o interesse em atuar, dificilmente ele conseguirá contagiar os pacientes envolvidos no momento da sua atuação.

Assim, manter esta alegria em se apresentar como palhaço nos hospitais é importante para alcançar os objetivos traçados por esta ONG específica e por outras intervenções que utilizem a caracterização como palhaço.

Questão 4: Você sente o reflexo de seu trabalho nos pacientes? Se sim, quais são esses reflexos?

Quando questionados sobre os benefícios que a atuação traz para os pacientes todos eles descreveram reflexos positivos que a atuação proporcionava nos pacientes. Dentre as respostas obtidas apareceram respostas como: a melhora da comunicação com os pacientes e equipe hospitalar, o alívio momentâneo, satisfação em participar da brincadeira, o agradecimento dos pacientes, a presença de sorrisos, distração, consolo e cumplicidade durante a atuação. Foi dito que a atuação era uma “injeção de ânimo para os pacientes e funcionários” (sujeito 12). Comentou-se também sobre uma integração entre o grupo de palhaços e enfermeiros, para reduzir o isolamento de alguns pacientes (sujeito 7).

Com todas as respostas positivas apresentadas pelos voluntários da pesquisa é possível entender que o trabalho realizado gera resultados que podem ser percebidos durante a atuação. É possível perceber também que as intervenções hospitalares realizadas pelos sujeitos da pesquisa são bem aceitas pelo grupo de pacientes.

Foi apresentado por alguns sujeitos que certos reflexos eram percebidos com o decorrer do tempo e da intervenção. Nos relatos é possível identificar que alguns pacientes muito tímidos passaram a socializar com o grupo de palhaços e com a equipe médica facilitando a realização de alguns procedimentos do tratamento. Outros relatos indicam que existiram pacientes que aceitaram melhor as condições de isolamento hospitalar e da rotina dos tratamentos como auxílio dos voluntários da ONG.

Essas respostas condizem com as pesquisas apresentadas inicialmente no trabalho, mostrando a evolução da interação paciente-hospital. (BERSCH et al., 2008). E como já apresentada em outras pesquisas, os resultados encontrados influenciam positivamente o tratamento dos envolvidos.

Questão 5: Você sente o reflexo de seu trabalho nos familiares dos pacientes? Se sim, quais são esses reflexos?

As respostas sobre a influência da atuação nos acompanhantes foram muito similares às respostas encontradas para a influência sobre os pacientes. O sujeito 12

disse que os acompanhantes são focos da atuação também, porque igual aos pacientes eles passam por toda a vivência hospitalar, sendo afetados da mesma forma que os pacientes. Foi descrito nas respostas que os acompanhantes ficavam mais desinibidos, aliviados e satisfeito ao ver a interação do paciente com o grupo. Essa interação foi considerada muito importante pelos acompanhantes e eles ficavam agradecidos e conseguiam se divertir um pouco também (indivíduo 11). E no final da atuação era possível sentir o carinho que os acompanhantes possuem pelo o grupo de palhaços de hospital.

Como informado pelas pesquisas apresentadas na revisão literária, os acompanhantes são parte importante da atuação também. Nas respostas obtidas vê-se que eles são mesmo um dos focos do trabalho nos hospitais, ajudando nos casos que o paciente está muito isolado do grupo e também aproveitando da distração proporcionada pelo grupo.

Questão 6: Você sente o reflexo de seu trabalho nos profissionais da saúde? Se sim, quais são esses reflexos?

Esta questão que apresentou mais respostas divergentes no questionário. Quando perguntados sobre os reflexos da atuação nos profissionais do hospital, as respostas foram separadas em dois grupos.

Um grupo apresentou que os funcionários apreciavam o trabalho e esperavam pela visita. Este grupo relatou um processo de integração entre a equipe hospitalar e o grupo de palhaços, em que a equipe avisava o isolamento de um paciente e pedia para que o grupo ajudasse na integração dele com o ambiente hospitalar (3, 7, 12).

Outro grupo relatou que a equipe não interage muito com o grupo e as vezes até evita as áreas de atuação dos palhaços (sujeito 10), mas que a maioria apoia e está contente com o trabalho realizado.

Essa divergência nas respostas pode ser decorrente de uma falta de comunicação entre os grupos ou até mesmo a falta de conhecimento sobre a atuação do grupo dos palhaços de hospital.

Questão 7: Você percebe alterações no ambiente quando você atua como palhaço? Se sim, quais?

As alterações causadas no ambiente por causa da atuação condizem com as respostas apresentadas nas questões 4, 5 e 6. Os relatos falam que os ambientes se tornam mais descontraídos e leves, e as pessoas apresentam um olhar diferente, decorrente da quebra da rotina hospitalar. Outros sujeitos informam que as intervenções trazem informalidade e brincadeiras, “mudando o ambiente e as relações que existiam lá” (sujeito 12). Por causa desse ambiente diferente do comum, o sujeito 9 informou que as pessoas ficam mais soltas, mais comunicativas e interagem melhor com o grupo dos palhaços. E o sujeito 11 descreveu o ambiente como “descontraído, quebra de rotina, trazendo informalidade e brincadeira”.

Essas modificações causadas no ambiente auxiliam na interação com os pacientes. A quebra da formalidade permite que os pacientes tenham opção para fazer alguma coisa diferente. A descontração e a quebra da rotina proporcionam a sensação de alívio. O que antes era um ambiente rígido e sério se transforma em um ambiente descontraído através da presença dos palhaços. E esta presença “fora dos padrões apresentados no hospital” (sujeito 8) oferece uma distração que facilita o aceitamento da condição de internação.

Questão 8: Você se acha uma pessoa engraçada no dia a dia?

Foi perguntado para os voluntários se eles se enxergavam como pessoas engraçadas. Dois sujeitos disseram que não eram engraçados, seis disseram que talvez ou às vezes fossem engraçados e sete disseram que eram engraçados.

A diferença nas respostas indica que a personalidade do indivíduo não interfere na atuação deste grupo porque quando ele está caracterizado como um palhaço ele adotará outra postura, outra identidade. Os sujeitos que foram estudados nesta pesquisa possuem nomes específicos para os seus palhaços, e dentro dos hospitais eles são chamados apenas por eles. Esse processo facilita também a separação entre o indivíduo real e o caracterizado, facilitando a dissociação dessas pessoas das situações

emocionais que a atuação pode trazer para ela, evitando o sobrecarregamento psicológico destes sujeitos.

Essa diferenciação também é apresentada nos artigos que trazem a construção do personagem. O palhaço age com o ridículo e muitas vezes ele trata de questões que permanecem veladas no cotidiano. Ao evidenciar isso, o objetivo é causar o riso, a alegria, a interação com os pacientes.

Questão 9: O que o(a) motivou a atuar como palhaço em hospitais?

Quando perguntado o motivo que os levaram a atuar como palhaço as respostas apresentadas foram: fantasia de ser palhaço e fazer o bem, ceder tempo para um trabalho social, vontade de fazer um trabalho voluntário, doar algo bom para as pessoas, se sentir útil, fazer um trabalho voluntário, fazer o bem ao próximo, ser naturalmente engraçada e querer fazer o bem, querer contribuir para humanizar o ambiente hospitalar, ajudar o próximo.

Nessas respostas encontramos muita identificação dos sujeitos com ser útil para a comunidade em que vivem e querer ceder tempo para melhorar o ambiente hospitalar e ajudar o próximo.

Também identificamos sujeitos da pesquisa que tiveram experiências hospitalares e enxergaram maneiras de aprimorar este atendimento. É interessante apresentar esta vontade decorrida de experiências pessoais com a internação porque este sentimento indica que estas pessoas sentiram a necessidade de modificar algo enquanto estavam ligadas ao ambiente hospitalar e optaram pela atuação como palhaço. Isso pode ser uma evidencia de que a presença desta atuação é importante para os pacientes neste momento.

Questão 10: A experiência de atuação como palhaço em hospitais interfere no seu enfrentamento de situações difíceis de sua própria vida?

Sobre os benefícios pessoais e enfrentamento de situações difíceis, os voluntários responderam unanimemente que a atuação os afetava de forma positiva. Todos informaram que a atuação os ajudava a ter uma visão diferente dos problemas

personais e que eles tendiam a simplificar a vida depois das atuações. Foi informado também que a atuação era um “fortalecimento psicológico, que ajudava a ver o lado bom da vida” (sujeito 8). O sujeito 12 disse que o aprendizado resultante da interação com os pacientes, familiares e equipe hospitalar, capacitava e fortalecia os voluntários para enfrentar os problemas pessoais.

Essas alterações descritas podem indicar como a atuação proporciona os voluntários uma visão diferente dos problemas. Ao entrar em contato com as dificuldades de outras pessoas repensamos os nossos problemas, e temos também mais opções para lidar com eles. E esse exercício de repensar pode facilitar o entendimento de algumas situações.

Questão 11: Você acredita que a caracterização como palhaço facilita o contato com os pacientes e seus acompanhantes? Se sim, por quê?

Todos os voluntários responderam que a caracterização como palhaço facilita a interação. Dentre os pontos apresentados nas respostas é possível perceber que a comunicação é facilitada pela fantasia que os voluntários utilizam. A atenção que a maquiagem atrai aproxima o paciente do palhaço e ajuda na criação do laço.

Mas a caracterização é importante para o voluntário também. O sujeito 8 descreve que com a fantasia as pessoas não o identificam mais com a sua identidade do dia a dia, mas que ele se transforma num personagem. O nariz faz com que o personagem nasça e diminui as inibições pessoais dos voluntários fazendo com que eles percam o medo do ridículo (sujeito 7). E as barreiras e censuras que existem no mundo real, não existem para o palhaço, por isso as pessoas se sentem mais confortáveis com a figura caracterizada do que com uma pessoa sem maquiagem (sujeito 10). Outro fator importante realçado pelos entrevistados é que o palhaço facilita a expressão, promovendo maneiras de interagir que uma pessoa sem a vestimenta não consegue alcançar, tirando os limites de comportamentos aceitáveis ou não (sujeitos 11 e 13).

Questão 12: Você possui formação em Educação Física? Se sim, por favor, respondam as questões 13 e 14.

No momento da aplicação dos questionários, todos os voluntários informaram que não possuíam formação como PEF. Entramos em contato com a ONG para identificar os voluntários que são PEF e dos 250 voluntários da ONG, apenas 07 (sete) foram identificados com formação em Educação Física. Foi realizado contato com esses 07 (sete) voluntários, mas apenas um voluntário demonstrou interesse em participar da pesquisa (sujeito 15). Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao sujeito por e-mail, que o devolveu assinado e digitalizado. Em seguida foi enviado o questionário para preenchimento, que foi preenchido e digitalizado pelo sujeito e enviado através de e-mail. A abordagem do sujeito dessa forma foi necessária, pois o mesmo no momento da aplicação do questionário encontrava-se doente.

Questão 13: A formação em Educação Física influencia na sua atuação na ONG “Hospitalhaços”? Se sim, quais os aspectos de sua formação influenciam essa atuação?

O sujeito 15 informou que a formação como PEF influencia positivamente a sua atuação. A aproximação da figura do palhaço e o trabalho de comunicação que o curso proporcionou auxiliaram no momento de atuação. Outro ponto destacado foi a familiaridade com as práticas lúdicas e com o ensinar facilitara com o tratamento oferecido aos pacientes.

No curso de formação em EF encontramos vários aspectos que poderiam beneficiar o desenvolvimento da atuação dos palhaços em hospitais como as noções de recreação, lazer e lúdico. A presença das práticas circenses também capacita o voluntário, apresentando ferramentas para implementar o trabalho dos voluntários.

Questão 14: Atuar como Hospitalhaço influencia sua atuação como profissional de Educação Física? Se sim, como?

O sujeito informou que a atuação como hospitalhaço não influencia a sua atuação como PEF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa foi possível encontrar Profissionais de Educação Física atuando como Hospitalhaços, mas o número deles em relação ao total de voluntários da ONG é muito pequeno (07 (sete) PEF em 250 voluntários atuantes da ONG), e apenas um deles aceitou participar da pesquisa. E não foi possível identificar o motivo desse pequeno número de voluntários.

Encontramos tanto na literatura, como na realidade da atuação, um envolvimento pequeno da EF com a área de recreação hospitalar. A EF poderia se contribuir muito mais nesta área nos ambientes hospitalares, assumindo o papel de nortear essas práticas devido ao processo de formação deste profissional, que envolve o lúdico, o lazer, a manutenção da saúde, características que diferenciam o trabalho dos palhaços de hospital. Mesmo assim, através das informações coletadas do único sujeito PEF é possível verificar que a formação em EF influencia na prática da atuação como palhaços em hospital.

A partir da pesquisa desenvolvida, conclui-se que a atuação como palhaço de hospital influencia positivamente os voluntários da ONG Hospitalhaços que foram estudados. Percebe-se que as modificações apresentadas em diversos trabalhos que relatavam os benefícios para os pacientes e seus acompanhantes também afetam o voluntário.

Identificou-se também na pesquisa realizada que a utilização da figura do palhaço nas atuações é essencial para a proposta apresentada pelo grupo estudado. A utilização de uma figura que torna os problemas em situações cômicas facilita a construção de relações pessoais formadas entre os voluntários e os pacientes, e entre os voluntários e os profissionais de saúde.

Através da revisão bibliográfica percebe-se que a formação do PEF é satisfatória para a atuação nas intervenções hospitalares como palhaço. Por isso, sugeriu-se que este profissional seja incentivado a realizar esta intervenção para que ela possa ser aprimorada e continuar a apresentar resultados positivos tanto para os pacientes, quanto para os voluntários que a realizam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES D.S., LUNARDI V.L., LUNARDI W.D. Filho. A humanização hospitalar como expressão da ética. Revista Latino-amEnfermagem, Janeiro-Fevereiro, 2006.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal, 2009.

BERSCH, A. A. S.; YUNES, M. A. M.. O brincar e as crianças hospitalizadas: contribuições da abordagem ecológica. Ambiente & Educação, v. 13, p. 119-132, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/ambeduc/article/view/979/411>>. Acesso em: 29 out. 2013.

BRASIL, Ministério da Saúde. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Brasília (Mimeo), 2001.

BRITO, T.R.P; RESCK, Z.M.R; MOREIRA, D.S.; Marques, S.M. As Práticas Lúdicas no Cotidiano do Cuidar em Enfermagem Pediátrica. Escola Anna Nery de Revista de Enfermagem, outubro-dezembro, 2009, RJ.

BOLOGNESI, M. F. O corpo como princípio. Revista Trans/Form/Ação, vol. 24, nº1, 2001.

CAMELO, W.V. O palhaço e a brinquedoteca como agentes de humanização no ambiente hospitalar. Revista Saráo, vol. 1, nº 8, Abril, 2003.

CASARA, A.; GENEROSI, R. A.; SGARBI, S. A recreação terapêutica como forma de intervenção no âmbito hospitalar. Revista Digital. Buenos Aires, v.12, n.110, jul., 2007.

CASTRO, Alice Viveiros. O elogio da bobagem, palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: FamíliaBastos, 2005.

CECCIM, R.B. Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida. In: Ricardo Burg Ceccim; Paulo R. Antonacci Carvalho (organizadores). Criança hospitalizada. Porto alegre: Editora da Universidade/UFRS, 1997, p.27-41.

FISHER, S.; FISHER. R. Pretend the world is funny and forever: a psychological analysis of comedians, clowns and actors. New Jersey: LEA, 1981.

HOSPITALHAÇOS. Quem somos? Em:<www.hospitalhaços.org.br/quemsomos.html>, acesso em 22/04/2013

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, M. A. Metodologia científica.. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, R. A. G.; AZEVEDO, E. F. A arte do teatro CLOWN no cuidado às crianças hospitalizadas. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2009.

- MARANGONI, Roberta. Clown corpo risível na Educação Física. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- MARTINS, R. M.; CAMPOS, V.C. Guia prático para pesquisa científica. Rondonópolis: Unir, 2003.
- MARTINS, S. J. Educação Física e Recreação Terapêutica: Desenvolvendo competências na busca de uma qualificação profissional. Porto Alegre, ESEF/URGS 2009.
- MATRACA, M. V. C.; WIMMER, G.; ARAÚJO – JORGE , T. A Dialogia do Riso: Um novo conceito que introduz alegria para promoção da saúde, apoiando-se no dialogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. Ciência & Saúde Coletiva, 2009.
- PINTO, G. B. O lazer em hospitais: Realidades e desafios. Belo Horizonte, UFMG, 2009.
- SABATINO, A. Circo e Palhaço: Relações com a Educação Física. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- SIKILERO, R.H.A.S.; MOESELLI, R.; DUARTE, G.A. Recreação: uma proposta terapêutica. In: Ricardo Burg Ceccim; Paulo R. Antonacci Carvalho (organizadores). Criança hospitalizada. Porto alegre: Editora da Universidade/UFRS, 1997, p.59-65.
- SOARES, Amanda Fonseca; ISAYAMA, Helder Ferreira. A construção de vivencias lúdicas com crianças que passam por tratamentos hospitalares: limites e possibilidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREACAO E LAZER, 13. 2001, Natal. Anais. Natal: CEFET-RN, 2001.
- SOARES, A. L. M. Palhaço de Hospital: proposta metodológica de formação. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2007
- THOMAS, J. R. NELSON, J.K. Métodos de pesquisa em atividade física. Porto Alegre: Artmed. 419p, 2002.
- TRINDADE, D. C. Humanização Hospitalar: A Contribuição Do Profissional De Lazer Em Instituições Psiquiátricas. Revista Holos, Ano 22, Maio, 2006, RJ.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo et al (org.). História e formação de professores no MERCOSUL/Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- WALKER. R. Métodos de investigación para el profesorado. Madrid: Ed. Morata. 240p.,1989.
- WUO, A.E. O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

Questionário Dados Gerais

Idade:

Estado Civil:

Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: 1º grau incompleto (); 1º grau completo (); 2º grau incompleto (); 2º grau completo (); 3º grau incompleto (); Qual curso? _____; 3º grau completo () Qual curso? _____; Pós-graduado () Qual curso? _____

Renda mensal: Até R\$ 500,00 ()

Entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00 ()

Entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00 ()

Entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 ()

Entre R\$ 3.001,00 e R\$ 4.000,00 ()

Acima de R\$ 4.001,00 ()

Profissão:

Em que cidade reside:

Quanto tempo atua como Hospitalhaço?

Questionário Específico

- 1) A atuação como palhaço contribui de alguma forma para a sua vida? Se sim, quais são as contribuições?
- 2) Como você se sente no ambiente hospitalar atuando como palhaço?
- 3) Como é para você atuar como palhaço em um hospital?

- 4) Você sente o reflexo de seu trabalho nos pacientes? Se sim, quais são esses reflexos?
- 5) Você sente o reflexo de seu trabalho nos familiares dos pacientes? Se sim, quais são esses reflexos?
- 6) Você sente o reflexo de seu trabalho nos profissionais da saúde? Se sim, quais são esses reflexos?
- 7) Você percebe alterações no ambiente quando você atua como palhaço? Se sim, quais?
- 8) Você se acha uma pessoa engraçada no dia-a-dia?
- 9) O que o(a) motivou a atuar como palhaço em hospitais?
- 10) A experiência de atuação como palhaço em hospitais interfere no seu enfrentamento de situações difíceis de sua própria vida?
- 11) Você acredita que a caracterização como palhaço facilita o contato com os pacientes e seus acompanhantes? Se sim, por quê?
- 12) Você possui formação em Educação Física? Se sim, por favor, responda as questões 13 e 14.
- 13) A formação em Educação Física influencia na sua atuação na ONG “Hospitalhaços”? Se sim, quais os aspectos de sua formação influenciam essa atuação?
- 14) Atuar como Hospitalhaço influencia sua atuação como profissional de Educação Física? Se sim, como?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto de Pesquisa: O palhaço nos hospitais: Observação da atuação ONG “Hospitalhaços” e a influência da Educação Física neste processo.

Pesquisador Responsável: Prof^o Ms Gerson De Oliveira
Contato por telefone (19) 3258-9117 e 9254-6156 ou por email
g889880@dac.unicamp.br

Aluna Orientanda Responsável pelo Desenvolvimento da Pesquisa: Mônica Aparecida Da Silva
Contato por telefone (11) 9 7435-7408 ou por email ads.monica@hotmail.com

JUSTIFICATIVA: Na literatura científica existe uma lacuna de informações sobre as influências da atuação do voluntário caracterizado como palhaço no ambiente hospitalar na vida do voluntário e principalmente como o profissional de Educação Física pode influenciar e ser influenciado nesse processo. Deste modo, realizaremos este estudo por três fatores centrais: 1) pela necessidade de se obter informações sobre as influências da atuação e como esse contato com pacientes e acompanhantes reflete no voluntário; 2) por ampliar a discussão sobre o processo de capacitação do voluntariado, especificamente, como o profissional de Educação Física pode atuar como palhaço em hospitais; 3) desenvolver reflexões sobre como a Educação Física interfere na atuação do palhaço em hospitais, podendo contribuir na ampliação do acervo dos estudos voltados para essa área no Brasil.

OBJETIVOS: Desenvolver uma reflexão sobre a relação da Educação Física e a figura do palhaço no ambiente hospitalar, através da verificação das influências do trabalho desenvolvido pela ONG “Hospitalhaços” no cotidiano dos voluntários.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Os voluntários que desejarem participar da pesquisa assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando com uma cópia deste termo, e irão responder por escrito às questões apresentadas no formato de um questionário composto por questões sobre dados pessoais e dados específicos sobre a atuação como voluntário da ONG. A aplicação do questionário será supervisionada pelo pesquisador responsável e pela aluna orientanda deste projeto. Após a aplicação dos questionários as respostas serão analisadas e apresentadas na conclusão e na apresentação deste projeto. Durante a execução da pesquisa não há riscos previsíveis para os voluntários. Em qualquer momento da execução da pesquisa o voluntário poderá desistir de participar da pesquisa, sem qualquer penalidade por essa desistência. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional. Não haverá reembolso de dinheiro, já que para participação na pesquisa o único gasto será com transporte e será de sua responsabilidade arcar com esse custo. Não existem riscos e também não existem benefícios diretos aos voluntários.

PARA DENÚNCIAS E/OU RECLAMAÇÕES REFERENTES AOS ASPECTOS ÉTICOS DA
PESQUISA, ENTRAR EM CONTATO COM O COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA/FCM/UNICAMP. RUA: TESSÁLIA VIEIRA DE CAMARGO, 126 – CEP 13083-887
CAMPINAS – SP TELEFONES (019) 3521-8936 OU 3521-7187 E-MAIL:
CEP@FCM.UNICAMP.BR.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, portador da Carteira de identidade nº _____ expedida pelo Órgão _____, voluntário da ONG “Hospitalhaços”, estou ciente dos procedimentos da pesquisa em questão e autorizo os pesquisadores responsáveis pelo projeto a utilizar as respostas obtidas através da aplicação do questionário para o desenvolvimento da pesquisa. Fui informado que meu número de registro na pesquisa é 18249213.9.0000.5404 e recebi cópia desse documento assinado por mim e pelos responsáveis pela pesquisa.

Campinas, __ de _____ de 2013.

Pesquisador Responsável

Orientanda da Pesquisa

Voluntário da Pesquisa